

Apresentação

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2024.v30.45716>

História digital: tecnologia e fazer historiográfico entre teoria e prática

Digital History: technology and historiography between theory and practice

Historia Digital: tecnología e historiografía entre la teoría y la práctica

Anita Lucchesi*

<https://orcid.org/0000-0002-8523-111X>

Mônica Ribeiro de Oliveira**

<https://orcid.org/0000-0001-7168-7653>

A oportunidade e espaço aberto pela *LOCUS – Revista de História* da Universidade Federal de Juiz de Fora para abrir uma chamada e compor um dossiê com o tema que intitula este artigo – “História digital: tecnologia e fazer historiográfico entre teoria e prática” – não é fruto de uma escolha casual. Ora, é bem verdade que em uma atividade editorial poucas escolhas serão casuais, mas o que pretendemos chamar atenção aqui é que esta publicação se tornou possível pela compreensão de que existia (e persiste para além do presente número) uma demanda gigantesca para realizarmos uma reflexão mais detida sobre as tensões metodológicas e epistemológicas das práticas de pesquisas atuais, atravessadas pelas interferências e condicionamentos do componente digital. O desejo manifesto de organizar um número da revista dedicado à História Digital, buscando ativamente contribuições que conjugassem *teoria e método*, aponta também para um olhar peculiar do corpo editorial que, ao fazê-lo, distinguiu-se da maior parte das coletâneas dedicadas às Humanidades Digitais de forma geral, que acabam por privilegiar as questões métodos, as ferramentas e o *como* fazer.

* Pesquisadora na Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), onde coordena um projeto de divulgação científica com podcasts. É também co-investigadora do software de gestão de fontes primárias digitalizadas, Tropy. Área de atuação: Teoria da História, História da Historiografia e Ensino de História, com ênfase em História Pública Digital.

** Professora titular de História do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. É docente do PPGHistoria/UFJF e pesquisadora da Fapemig. Área de atuação: história de família, sociedades agrárias nos séculos XVIII e XIX e micro-história.

Esta longa ênfase nos modos de fazer métodos digitais em constante atualização é uma tendência compreensível, dada a novidade e necessidade de descrever, documentar e explicar tais métodos aos seus pares. Algo também sintomático de um momento de afirmação e interrogação do que viriam a ser as tais humanidades digitais, um esforço coletivo de definição e compartilhamento de novos repertórios de práticas. Entre leituras mais favoráveis e abertas às experimentações com as novas tecnologias e posturas mais resistentes, notou-se, porém, que para abandonar o que Franco Moretti criticou como a “longa infância” das humanidades digitais, era preciso deixar de lado algumas perspectivas dicotômicas (Moretti *apud* Dinsman 2016). Ao invés de seccionar, buscar conciliar tradição e novidade, teoria e método, reflexões sobre riscos e possibilidades, poderia se mostrar – e este dossiê se entende como um exercício nesta direção – um caminho para, como sugeriu Dilton Cândido Maynard, deixar de ser simplesmente contra ou a favor do digital (ou da Internet, como escrevera originalmente), para buscar analisar qualitativamente as mudanças que ele produz no nosso ofício (Mayard 2011, 42). Trata-se, como Melvin Kranzberg já enunciara há quase quatro décadas, de reconhecer e ativamente lembrar, de tanto em tanto, que “a tecnologia não é boa, nem má e também não é neutra” (Kranzberg 1986, 545-46, tradução nossa)¹.

Entre teoria e prática, neste dossiê buscamos dar a ler uma diversidade de abordagens mediadas pelo digital, trazendo contribuições que em conjunto refletem um movimento na direção de abrir espaço para que reflexões sobre o *hack and yack* da pesquisa na Era Digital possam ocupar o mesmo lugar no seio de uma publicação para toda a comunidade historiadora². Embora cada texto favoreça um pouco mais um aspecto que outro, como veremos, nossa editoria se animou com a expressão de teorias e práticas aplicadas em trabalhos que avançam a discussão historiográfica e deslocam os marcadores da reflexão acerca do digital daquele discurso outrora tautológico sobre o que são ou deixam de ser a história digital ou as humanidades digitais, para trazer argumentos originais. Complementam esta perspectiva cruzada as entrevistas com especialistas que com seu trabalho contribuíram justamente para o aprofundamento e avanço das discussões sobre o tema no Brasil, ampliando um pouco mais a camada meta-reflexiva do conjunto de trabalhos aqui reunidos.

¹ Citação originalmente publicada em língua inglesa: “Technology is neither good nor bad; nor is it neutral.”

² O início dos anos 2000 foi marcado por uma certa querela “prática vs. teoria” nas Humanidades Digitais referindo-se à aparente dualidade, ou prerrogativa da aplicação prática de ferramentas digitais e o debate teórico sobre suas implicações. Bethany Nowviskie argumenta que ambas são essenciais, destacando a importância de equilibrar o desenvolvimento técnico (“hack”) com a reflexão crítica (“yack”) para o avanço da área (Nowviskie 2014).

Tendo contemplado brevemente os bastidores desta edição, podemos dizer que este dossiê é sobretudo sobre as pesquisas que hoje fazemos. Quem consegue mais conduzir uma investigação sem o auxílio de um banco de dados por menor que seja e leitura de fontes digitalizadas por horas intermináveis e solitárias frente a um computador? Mas será disso que estamos tratando? Se no passado, a microfilmagem se justificava pela certeza da conservação dos documentos a longo prazo e a crença de que os microfilmes sobreviveriam a uma guerra nuclear e se tornariam o testemunho da humanidade, hoje, por diferentes motivos, a digitalização tornou-se o caminho. Um caminho que dialoga com a atual rapidez, fluidez e dimensão que as informações podem alcançar. Inovações se sobrepõem gerando incertezas quanto ao futuro. Será suficiente e seguro? Ou é um poderoso recurso para recuperação, preservação e acesso às informações, mantendo sua autenticidade e confiabilidade? Estas questões emergem na ciência da informação e arquivologia, por seus objetivos e processos comuns e convoca a todos a uma revisão em todos os procedimentos de conservação e disponibilização de fontes. O suporte de qualquer pesquisa realizada pelo historiador se assenta sobre esse trabalho anterior, realizado por novos profissionais, novos gestores e curadores de dados e informações. Então, voltando à pergunta inicial – se é disso que estamos tratando – respondemos que não. O historiador ao se beneficiar das fontes digitalizadas não está fazendo História Digital.

Refazendo novamente a questão, questionamos se é possível produzir novos argumentos em pesquisa e, concomitantemente, realizar a transferência de conhecimentos sobre esse passado que não poderiam ser acessados sem a dimensão de uma história digital? (Lucchesi e Burge 2024). A discussão proposta centra-se na produção do conhecimento histórico condicionada pelo componente digital, com perguntas, problemas e preocupações metodológicas, com o enfrentamento da incerteza e imprecisão dos dados, que precisam ser validados e checados, reconhecendo que a incerteza histórica permanece uma constante dos tempos pré-digitais ao agora. Mas como lidar criticamente com o incerto diante dos constrangimentos do determinismo tecnológico? A tecnologia pode, pelo seu potencial, oferecer técnicas, ampliar recursos, minerar dados e fontes e, de fato, descortinar novas formas de leitura, novas variáveis, novas escalas e novas questões. Vamos entender então como os autores desse dossiê se beneficiaram dessa virada tecnológica, contribuíram com novas perspectivas e oferecem as melhores práticas de produção do conhecimento.

O artigo *Modulações da História na Cultura Digital- Considerações sobre uma história da História Digital* de Luiz Filipe Correia, nos apresenta uma valiosa análise de como as transformações técnicas resultantes do desenvolvimento da cibernética e da informática no contexto do neoliberalismo,

geraram a cultura digital dos dias de hoje. Com essa motivação, na primeira parte do artigo, Correia realiza um levantamento historiográfico, analisando repetições e a persistência de temas, além das implicações teórico-metodológicas e desafios impostos à prática historiográfica pela popularização das tecnologias digitais. Para ele, as repercussões na disciplina História induzem a descoberta de novas fontes, objetos, métodos, ferramentas, mas também novas epistemologias. Por outros caminhos, o autor colabora com a questão formulada por nós, quando evidencia que a escolha que os historiadores realizam em sua investigação, tanto de suas fontes, como de seus métodos, vão influir diretamente em seus resultados. Portanto, a incorporação de procedimentos da história digital possibilita produzir um conhecimento antes não possível pelas formas analógicas, o que se alinha com a proposição inicial desse dossiê. Na segunda parte de seu texto, Correia faz outras escolhas de obras e respectivos conceitos como o de modulação e alternância de Deleuze, o presentismo nas Ciências Humanas e História de Hartog e conclui com uma proposição otimista de um futuro público do passado e o papel das universidades nesse compromisso ético. De fato, uma excelente contribuição ao debate aqui proposto.

Em *A lepra e a tarkat: uma representação da doença e do doente no jogo eletrônico Mortal Kombat 1 (2023)*, Leonardo Dallacqua de Carvalho, propõe uma análise inovadora e interdisciplinar ao investigar a representação da doença no contexto dos jogos eletrônicos, especificamente no *reboot* mais recente da franquia Mortal Kombat. Este estudo se insere no campo da história digital ao tratar os jogos eletrônicos como fontes históricas relevantes, explorando como a doença fictícia *tarkat* é utilizada para construir narrativas que ressoam com a história e as representações sociais de doenças reais, como a lepra. O trabalho destaca a importância das mídias digitais na formação da memória coletiva e na sensibilização do público em relação a temas complexos como a doença e o estigma social. Ao integrar conceitos de História Pública e retórica processual, o artigo contribui significativamente para o dossiê ao ilustrar como o componente digital pode ser instrumental na reinterpretação de fenômenos históricos e sociais, trazendo uma contribuição original e relevante para o avanço das pesquisas no campo da História da Saúde e das Doenças, ao mesmo tempo que, enriquece as discussões sobre as novas possibilidades metodológicas e teóricas na era digital.

Os dois próximos artigos, por meio de diferentes formas, versam sobre a relação entre tecnologias e comunicação e perpassam sobre a questão indígena. O primeiro artigo discute a história da cultura e identidades do povo indígena Kaxinawá – ou Huni Kuin, uma etnia da fronteira brasileira-peruana da Amazônia, partindo da relação entre tecnologias, comunicação e fazer historiográfico. Já o segundo busca conectar práticas digitais com teorias de comunicação científica em História pelo Youtube em cima da questão Yanomâmi.

No artigo de Camila Escudero e Helena Schiavoni Sylvestre, *O diálogo com a Comunicação na construção de narrativas históricas digitais em jogos: A cultura do povo indígena Huni Kuin*, vemos um diálogo entre os campos da História digital e da Comunicação para a Transformação Social por meio da análise de um jogo eletrônico e construção de uma narrativa audiovisual ambientada em espaços virtuais e estruturada em diversas regras.

As autoras destacam que o jogo eletrônico “Huni Kuin: Yube Baitana” foi desenvolvido com o intuito de preservar a memória do povo indígena Kaxinawá, resgatando elementos de suas identidades culturais, ao mesmo tempo em que tenta promover o intercâmbio desses conhecimentos por meio da linguagem dos videogames. São representados cantos, grafismos, mitos e rituais desse povo, possibilitando uma circulação desse conhecimento por uma rede mais ampla. Não só os elementos identitários desse grupo indígena ganham visibilidade, mas a própria investigação histórica ganha outra dimensão por meio da intersecção entre comunicação, tecnologias e práticas socioculturais. A construção do game acaba por desafiar conceitos tradicionais de narrativa histórica e abre novas possibilidades de representação e disseminação do conhecimento histórico em ambientes digitais comunicacionais. O debate torna-se ainda mais profícuo quando consideramos o campo da educação e seu diálogo com outras áreas, além da disseminação de conhecimentos sobre temas da cultura brasileira.

Já em *Estratégias e Desafios na Divulgação Científica em História no Youtube: A problemática indígena no estudo de caso entre métricas e linguagens* de Maria de Fátima Barbosa Pires introduz ao debate a relação entre as novas mídias e o Ensino de História, um campo altamente relevante e repleto de desafios. Especificamente, a autora explora a divulgação científica em História como uma importante ferramenta de ensino, concentrando-se na problemática indígena, com ênfase nos Yanomamis e a lógica de recomendação no YouTube.

A questão respondida pela autora objetiva compreender como tais plataformas podem contribuir para a ressonância de narrativas historicamente “invisibilizadas”; quais as estratégias promissoras para ampliar o debate a partir dessa plataforma, e como utilizar o algoritmo a serviço dessas reparações históricas. Sua investigação destaca a necessidade de adaptação constante às demandas do público e à lógica algorítmica e a importância da didatização, engajamento e respeito à diversidade de perspectivas na comunicação histórica, bem como estratégias de promoção de conteúdos mais aprofundados no YouTube. Revelou também que os vídeos curtos e bem ranqueados podem atrair um público não só extenso, como também diverso.

O artigo nos oferece uma outra dimensão da questão formulada para esse dossiê: ele já parte do pressuposto que, não obstante a lógica de mercadológica das novas mídias, por meio de

diferentes estratégias é possível produzir conteúdo relevante e de qualidade para a sociedade, bem como dar visibilidade a grupos socialmente marginalizados e sub representados. Nessa perspectiva, é possível pensar em novos cenários de pesquisa e produção da cultura digital para a história pública.

Os artigos de Escudero e Sylvestre, bem como o de Pires, apresentam duas boas práticas da era digital e atestam a interconexão entre a historiografia acadêmica e a história pública facilitada pelos meios digitais e constituem exemplos instigantes do potencial que a cultura digital pode ofertar.

O próximo artigo, *Poésie Grande Guerre: como a história digital desafiou cânones no centenário da Primeira Guerra Mundial*, é de autoria de Julia Ribeiro S. C. Thomaz e examina como as ferramentas e práticas das humanidades digitais permitiram a construção de uma nova compreensão sobre a poesia da Primeira Guerra Mundial, desafiando cânones literários estabelecidos e promovendo uma abordagem interdisciplinar que questionou a suposição de que “não existe poesia da Primeira Guerra mundial na França”, como destaca na introdução do texto. Através da análise do projeto *Poésie Grande Guerre*³, que criou e disponibilizou online uma base de dados abrangente sobre poetas e suas experiências durante a guerra, Thomaz revela como o componente digital foi crucial para tirar do esquecimento um corpus significativo de obras poéticas, permitindo uma visão mais inclusiva e diversificada da produção literária do período. O artigo se encaixa perfeitamente no dossiê ao demonstrar como a história digital pode reconfigurar nossa compreensão de fenômenos históricos e culturais, contribuindo para a dissolução de hierarquias tradicionais e promovendo uma poética histórica pública e acessível.

Ao enfatizar como o uso de ferramentas digitais não apenas permite a preservação, mas também pavimenta o caminho para novos achados e perspectivas de análise, como a abordagem prosopográfica da base de dados, o trabalho de Thomaz aponta como o digital pode viabilizar novas interpretação para velhos problemas, através de serendipidades outras, capazes de engendrar novos argumentos para a historiografia. Pode-se considerar um trabalho dedicado *faire taire les canons* (Thomaz 2024, 7) dos céticos da técnica e lançar luz à validade dos métodos digitais.

Fechando a seção de artigos do dossiê, Murilo Prado Cleto *Anos Tenebrosos: a luta armada na obra da Brasil Paralelo* explora a complexa relação entre História Pública Digital e a construção de narrativas revisionistas no contexto contemporâneo brasileiro. Através da análise do documentário “1964 - O Brasil entre armas e livros”, produzido pela Brasil Paralelo, o texto examina como essa

³ Disponível em: <https://pgg.parisnanterre.fr>

produção audiovisual, alinhada a um revisionismo ideológico, busca reinterpretar o papel da luta armada durante a ditadura militar. O estudo oferece uma reflexão crítica sobre os desafios éticos e metodológicos enfrentados pela historiografia digital, particularmente em um cenário onde a produção de conhecimento histórico está cada vez mais sujeita a manipulações por atores políticos e midiáticos.

Em diálogo com Letícia Cesarino e sua noção de “crise do sistema de peritos”, Cleto contextualiza a produção da Brasil Paralelo e analisa suas consequências no processo de reorganização epistêmica impulsionado pelas novas estruturas técnicas, que desestabilizou profundamente os sistemas tradicionais de produção da verdade. Dessa forma, a contribuição corresponde à demanda do dossiê, e deixa um convite para discussões que aprofundem as implicações da história digital no campo da memória coletiva e da disputa por narrativas históricas, um fecho-abertura para um debate continuado e fundamental sobre as fronteiras entre história, política educação e tecnologia na era digital.

A próxima seção deste número – *Entrevistas* – consiste em duas entrevistas realizadas de forma remota, gravadas e transcritas pelas organizadoras do dossiê com os historiadores Keila Grinberg e Tiago Gil para a finalidade de publicação impressa, ambos selecionados pela editoria pela relevância de suas contribuições na historiografia da história digital no Brasil.

Keila Grinberg é historiadora e professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da Universidade de Pittsburgh, onde também é Diretora do *Center for Latin American Studies*. Em sua entrevista, ela explora sua vasta experiência, abordando desde suas primeiras inspirações no uso de tecnologias digitais até os desafios contemporâneos de integração dessas ferramentas no ensino e na pesquisa histórica. Grinberg destaca o impacto transformador dos bancos de dados na pesquisa histórica, permitindo análises que seriam impossíveis sem o uso da tecnologia. Ela também discute a importância da colaboração interdisciplinar, especialmente na criação de projetos como o “Atlas das Injustiças Históricas”, ideia ainda embrionária que tem inspiração no conhecido *Passados Presentes*⁴, e buscará mapear memórias associadas a injustiças históricas, conectando dados de memória a locais específicos tirando partido de técnicas de georreferenciamento.

⁴ O projeto *Passados Presentes: Memória da Escravidão no Brasil* é uma iniciativa da Rede de Pesquisa Passados Presentes (LABHOI/UFF – Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense e NUMEM/UNIRIO – Núcleo de Memória e Documentação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Disponível em: <http://www.passadospresentes.com.br>

A entrevista evidencia a preocupação de Grinberg com os desafios técnicos e institucionais que dificultam a implementação de projetos digitais no Brasil e nos Estados Unidos, mostrando que, apesar das diferenças de infraestrutura, os desafios de armazenamento e gestão de dados persistem em ambos os contextos. Além disso, ela reforça a necessidade de um letramento digital mais abrangente tanto para historiadores quanto para estudantes, ressaltando a importância de explicitar o método histórico e de engajar o público de forma ética e acessível. A contribuição da entrevista com Grinberg para o dossiê é de grande relevância, pois oferece uma visão crítica e experiente sobre o uso das tecnologias digitais na pesquisa e no ensino de história, promovendo a reflexão sobre os limites e possibilidades da história digital e pública em um contexto global e interconectado.

Tiago Gil, pesquisador e professor da Universidade de Brasília (UNB), junto a um seleto grupo, pode ser considerado um dos precursores da História Digital no Brasil. A partir de suas experiências no Brasil e no exterior, ele sugere ferramentas, plataformas, softwares, trata da importância da interdisciplinaridade, dos desafios e das alternativas hoje disponíveis dentro das universidades.

Pode ser considerado pioneiro por integrar a tecnologia dos sistemas de informação geográfica no campo da pesquisa histórica, além de vários outros trabalhos usando ferramentas e produzindo dados hipotéticos e experimentais. Demonstra uma visão vanguardista ao defender que os historiadores necessitam de um maior letramento para o uso da tecnologia como técnica, mas também como uma infraestrutura controlada por algoritmos e relações de poder, em que os todos os cidadãos precisam saber reconhecer, lidar, adotar posturas e, especialmente, entender a lógica que a máquina opera.

Ao discorrer sobre o impacto do componente digital na compreensão histórica e aparentar uma certa desconfiança quanto ao atual uso nas pesquisas, Tiago Gil conclui suas reflexões defendendo a clássica metodologia em pesquisa histórica, ou seja, devemos nos guiar pelas perguntas para definir depois as técnicas mais apropriadas. Para ele, esse procedimento não representa prescindir da técnica, mas utilizá-la de forma apropriada a cada objeto.

No contexto dos estudos de Max Kemman sobre as ditas *trading zones* (zonas de troca ou de contato) da história digital, o conceito de “digital history brokers” pode ser entendido como figuras fundamentais na interface entre a história e as tecnologias digitais (Kemman 2021, 189). Esses “brokers” desempenham um papel crucial na gestão de projetos, coordenando práticas de coleta, transformação e descrição de dados, e traduzindo as questões históricas em problemas infraestruturais. Eles atuam, por assim dizer, como mediadores, capazes de transitar entre

diferentes comunidades de prática, conectando especialistas em computação e historiadores, e facilitando a colaboração e o alinhamento de perspectivas.

Consideramos Grinberg e Gil como exemplos eloquentes desses “mediadores da história digital” no Brasil. Ambos têm desempenhado papéis essenciais na promoção e integração da história digital no país. Grinberg, com sua vasta experiência em projetos que combinam história pública e digital, e Gil, com sua abordagem interdisciplinar que incorpora tecnologias geográficas e digitais na pesquisa histórica, exemplificam a capacidade de mediar entre as comunidades acadêmicas e tecnológicas. Eles têm contribuído para transformar as práticas históricas no Brasil, conectando diferentes domínios do saber e promovendo um diálogo entre historiadores e especialistas em tecnologia.

Este dossiê reúne, portanto, uma diversidade de vozes e perspectivas que ilustram como a história digital vem se consolidando de forma vibrante e em constante evolução, abrindo novas possibilidades de análise e reflexão. Desejamos que esta leitura inspire novas pesquisas, colaborações, diálogos, iniciativas voltadas para o ensino e que, enfim, possa suscitar debates mais amplos sobre os cruzamentos da história e da tecnologia, que extravasam os muros das universidades e das mais variadas salas de aula. Como se pode ver nas contribuições aqui reunidas, discutir o componente digital *na/para/a partir/através* da História é de grande interesse para a nossa sociedade como um todo. Boa leitura!

Referências:

- Dinsman, Melissa. *The Digital in the Humanities: An Interview with Franco Moretti*. **Los Angeles Review of Books**, Março, 2016. <https://lareviewofbooks.org/article/the-digital-in-the-humanities-an-interview-with-franco-moretti>.
- Kemman, Max. **Trading Zones of Digital History**. Berlin: De Gruyter, 2021.
- Kranzberg, Melvin. *Technology and History: “Kranzberg’s Laws”*. **Technology and Culture**, vol. 27, n. 3, 1986.
- Lucchesi, Anita. BURGE, Caitilin. **Historical Arguments and the Digital – A White Paper**. Acesso em 14/08/24 <https://zenodo.org/records/11526834>
- Mayard, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Luminária academia, 2011.
- Nowviskie, Bethany. **On the Origin of ‘Hack’ and ‘Yack.’** Bethany Nowviskie (blog). 08 de janeiro de 2014. <http://nowviskie.org/2014/on-the-origin-of-hack-and-yack/>.